

MANFRED LÜTZ

ESCÂNDALO DOS ESCÂNDALOS

A HISTÓRIA **SECRETA** DO CRISTIANISMO

EM COLABORAÇÃO COM
O PROF. DR. ARNOLD ANGENENDT



PAULUS

Prefácio

O Cristianismo é a religião mais desconhecida do mundo ocidental, e isto acontece não por falta de informações, mas sim por excesso das mesmas. De facto, essas informações, frequentemente, têm uma estranha particularidade: são grotescamente falsas.

Isto por si só não é muito mau. Pode-se viver bem com convicções erróneas. Durante muito tempo, o Homem acreditava que o ar circulava nas artérias e, por muito mais tempo, assumiu que existiam dragões e até tinha a convicção de que a Terra era plana. Porém, tudo isto não impediu que levasse uma vida com sentido.

As *fake news* podem até ser divertidas. Quem é que quer ver o mundo, do amanhecer ao anoitecer, tal qual como é? Pessoalmente, a preterição é uma capacidade importante para se poder lidar com a vida. Quem pensar permanentemente no lado obscuro da sua vida tem uma vida difícil.

Contudo, as informações falsas sobre o Cristianismo não se tratam de um pequeno erro, de alguma falsidade amadora ou de uma fraude inofensiva, uma vez que abalaram consideravelmente o Cristianismo no seu âmago e descredibilizaram-no por completo.

Isto não impede que o papa Francisco seja amado publicamente ou que se venere a Madre Teresa de Calcutá. Eles são amados e venerados por serem cristãos. Até mesmo no envolvimento caridoso das instituições cristãs tem-se em atenção o que se chama de “valores cristãos”, seja lá o que isto quer dizer. No entanto, a fé cristã, a história das Igrejas cristãs

e até mesmo o Cristianismo são considerados, na melhor das hipóteses, duvidosos. Nos debates intelectuais, o credo cristão é normal e implicitamente considerado como indiscutível. A expressão «fundamentalismo» não só foi generalizada para expressar as crenças fanáticas, mas foi também usada para cada confissão religiosa e para cada credo cristão não só para descrever a religião a nível dos estudos religiosos, mas também tomando-a como verdadeira. Isto é o fim do Cristianismo real como força cultural.

É prática comum argumentar que as Igrejas cristãs poderiam, pelo menos, tornar mais visíveis as instituições que, por exemplo na Alemanha, dispõem de grandes recursos financeiros. Todavia, não se pode ignorar que muitas forças foram absorvidas através do desmantelamento da outrora grande Igreja popular e que o novo despertar encontra-se mais no ramo do Cristianismo institucionalizado. Nisto, a missão cristã, provavelmente, tem mais sucesso onde se aborda diretamente a questão da espiritualidade, se experimenta a vida na comunidade de crentes e há uma renovação pessoal. No entanto, por mais paradoxal que isto seja, o Cristianismo, com a sua história, as suas instituições e os seus representantes, parece mais um obstáculo para a sua própria missão nas nossas latitudes do que algo apelativo.

Esta situação acontece porque o Cristianismo impôs um golpe mortal a si próprio. As convicções, entretanto inquestionáveis, de que a história do Cristianismo é uma história de escândalos fazem estremecer o âmago da fé cristã, pois uma religião que acredita na Encarnação de Deus e, por conseguinte, na sua Encarnação histórica, entrega-se sem reservas à avaliação crítica desta história. Este julgamento é arrasador. *A fuga do Cristianismo* é o título do escandaloso texto, da autoria do conhecido filósofo Herbert Schnädelbach, publicado no ano 2000, cujas afirmações culminam no radicalismo de que o que o Cristianismo melhor poderia fazer para a Humanidade seria desintegrar-se! E as razões que o filósofo apresentou para este julgamento mortífero não foram essencialmente filosóficas ou teológicas. Schnädelbach não expressa nenhuma dúvida para com a Trindade ou a Encarnação,

mas argumenta de forma quase exclusivamente histórica. E não faz isso tendo em conta nenhum estudo histórico, mas apoiando-se num consenso social geral sobre a história escandalosa da Igreja. O que este grande filósofo alega sobre as escandalosas Cruzadas, a brutal Inquisição e o devastador antissemitismo é apresentado de forma imparcial e indiscutível, tal como o Homem atualmente considera que a Lua gira à volta da Terra e que o monte Everest é o ponto mais alto do planeta. Também para isto não é preciso nenhuma prova. Portanto, esse texto simplesmente exprimia concisamente o que já todos pensavam.

Dez anos após o colapso do comunismo, foi decretado o óbito do Cristianismo.

Isto poderia ter acontecido, tal como com o comunismo, onde ainda existem alguns que não querem prestar atenção aos sinais e continuam a agir constantemente com uma cega nostalgia, como se nada tivesse acontecido. Na verdade, o texto de Schnädelbach trata da essência da religião cristã. Se Schnädelbach tivesse razão, o Cristianismo estaria no seu fim, dois mil anos após o seu começo.

Mas teria ele razão? Não obstante, o que aconteceu depois da publicação deste texto foi espetacular e completamente inesperado: um famoso historiador internacional aceitou o desafio e abordou meticulosamente as causas da acusação de Schnädelbach ao nível do conhecimento mais atual. O que estava correto e o que não estava? Este historiador chama-se Arnold Angenendt e, em 2007, apresentou um volumoso livro intitulado *Tolerância e violência – O Cristianismo entre a Bíblia e a espada*, que desde então tem sido uma obra de referência para todos aqueles que se desejam confrontar criticamente com o Cristianismo e a Igreja. O rigor científico de Angenendt resultou em algo muito raro. Foi bastante convincente com as suas informações objetivas e conseguiu que Herbert Schnädelbach se corrigisse. Este agradeceu a Arnold Angenendt «que, com a sua revisão, comprovou as minhas distorções óticas». Verificou-se que as frágeis interpretações gerais sobre a história do Cristianismo não são apoiadas pelas pesquisas científicas mais sérias.

No entanto, esses resultados surpreendentes não estão ainda enraizados na consciência geral, pois só quem, por alguma razão especial, ainda se sente ligado ao Cristianismo – nem que seja porque o odeia –, pega numa obra científica de oitocentas páginas com mais de três mil anotações.

Por isso, foi colocada a questão se não valeria o esforço de tornar disponíveis os resultados principais dos estudos de Angenendt ao público em geral de forma legível, pois o que aconteceu com um intelectual como Herbert Schnädelbach, que tomou por verdade indiscutível determinadas concepções gerais falsas sobre o Cristianismo, também acontece com a maioria das pessoas. É necessário, simplesmente, esclarecer o público no bom sentido.

Tais esclarecimentos são, por isso, urgentemente necessários, porque a perda do Cristianismo como uma força que liga toda a sociedade deparou-se com uma crise severa. E tal crise é reconhecida abertamente por todos os quadrantes políticos. O advogado e político alemão de esquerda Gregor Gysi explicou, na Academia Evangélica de Tutzing, que é ateuista, mas tem medo de uma sociedade sem Deus porque se poderia perder a solidariedade, e que o socialismo não é mais que um Cristianismo secularizado. Na apresentação do seu livro *Gott – Eine kleine Geschichte des Größten* (*Deus – Uma pequena história do Maior*, obra não editada em língua portuguesa) explicou, com sinceridade, que em relação às perguntas importantes na nossa sociedade, a Esquerda há décadas que perdeu a sua credibilidade. As únicas instituições que ainda são relevantes para as perguntas essenciais são as Igrejas cristãs. E se o ateísmo significa ser contra a Igreja, então não é ateísmo, mas sim paganismo que ainda não chegou à fé. Estranhamente, a Direita, mesmo não conhecendo muito bem o Cristianismo, também celebra a PEGIDA¹ num Ocidente manifestamente cristão e canta, no tempo do Advento, cânticos natalícios a plenos pulmões.

Mas, na verdade, o que aqui se evoca é demasiado vago. O Cristianismo não foi descredibilizado em setenta anos,

¹ Sigla para *Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes* (Europeus Patriotas Contra a Islamização do Ocidente), organização da extrema-direita alemã que se opõe à entrada de muçulmanos na Alemanha. [N. E.]

como o comunismo, mas sim durante dois mil anos, e de tal forma que até aqueles que o estudam mal conseguem dizer o que consideram digno de ser preservado – o que ocorre quando se prescinde de algumas atitudes humanistas, que também o verdadeiro ateu evidencia. Os esclarecimentos sobre o Cristianismo deveriam interessar a todos aqueles que se preocupam com esta sociedade, o que inclui os ateus sensatos.

Jürgen Habermas, conhecido filósofo alemão, que se considerou a si mesmo como «um religioso desarmonioso», exige, por isso, com palavras dramáticas, pelo menos «traduções salvíficas» da terminologia judaico-cristã da imagem e semelhança do Homem com Deus. Só assim, acredita Habermas, se pode assegurar a aceitação geral do conceito da dignidade humana, que é o conceito central da nossa organização social. Além do mais, Habermas deseja que os cristãos sejam percebidos no discurso público como cidadãos religiosos. Contudo, este desejo devoto de um agnóstico choca os cristãos, que tendem a viver a sua fé de forma mais reservada e em privado. Acima de tudo, porque sentem vergonha da história do Cristianismo.

Esta vergonha está também relacionada com o facto de os cristãos terem enfrentado a sua história de escândalos com dois métodos, ambos pouco convincentes. O primeiro empenhou-se em redimir a história do Cristianismo de forma apologética e a contestar qualquer tipo de falha cristã, custasse o que custasse. Com isso, dois mil anos contínuos de santa história cristã não seriam nada do que Jesus previra para a sua Igreja. Os pilares da Igreja que Ele chamou pessoalmente, os Apóstolos, eram personagens completamente comprometidos. Afinal, porque é que deveria ser melhor? Os outros apoiaram-se no oposto. Não negaram as fraquezas históricas do Cristianismo, muito pelo contrário, mas sublinharam os antecedentes sombrios de uma história de escândalos do próprio Cristianismo, nomeadamente do Cristianismo moderno. Contudo, o maior gesto – em dois mil anos o Cristianismo perdeu a Cabeça e então apareceu o “eu”, ou o professor X ou Y, ou o Concílio Vaticano II, ou não sei que mais – é bastante ingénuo. Todo o ateu sensato só pode responder: vamos esperar para ver se nos próximos dois mil anos as coisas melhoram, e então veremos.

Estas duas formas extremas de lidar com a própria História fortaleceram a imagem distorcida da história do Cristianismo. Pois, para ambas as atitudes, a História foi apenas o material para o próprio julgamento, afetado pela falta de uma verdadeira pesquisa científica.

A abordagem de Arnold Angenendt sobre este assunto foi bastante diferente. Nunca aceitou nenhuma história escandalosa da Igreja só porque parecia escabrosa e verosímil ou porque era contada desde sempre. O eminente historiador internacional serviu-se da sua razão e da sua perícia científica e investigou de forma objetiva, obtendo resultados surpreendentes. O trabalho desenvolvido ao longo de muitos anos está na base do presente livro.

Trata-se aqui de enfrentar a história dos escândalos do Cristianismo livre de preconceitos, com o bisturi da ciência. No fim, que o escândalo seja escândalo e que se manifeste de forma a mostrar uma imagem diferente dos factos históricos. Uma história do Cristianismo sem escândalos não seria razão suficiente para se tornar cristão. Existem convicções absurdas das quais se desenvolvem consequências históricas extremamente salutares. Também não se trata aqui de confissão, mas sim de História, da história extraordinária, emocionante e verdadeira da maior religião de todos os tempos. E para o leitor adequado, trata-se sobretudo de formação e de esclarecimentos sobre o mundo ocidental e europeu no melhor sentido.

Redigi o texto, mas o material histórico e científico deste livro deve-se, na sua maioria, ao Dr. Arnold Angenendt e aos seus colaboradores, que asseguraram que este livro intermediasse a «tolerância e a violência» e os mais recentes dados da pesquisa histórica. O livro foi completamente reestruturado e foram acrescentados alguns temas para poder abranger todos os acontecimentos críticos possíveis da história da Igreja. Para que tudo estivesse em conformidade, adicionalmente solicitei aos meus colegas que revissem a obra. Assim, estou profundamente grato a Heinz Schilling, historiador da Idade Moderna, Christoph Marksches, historiador da Igreja Evangélica, Hubertus Drobner, historiador da Igreja Católica, Karl-Josef Hummel, historiador contemporâneo, e Bertram

Stubenrauch. E por fim, como é habitual, o meu barbeiro também releu o livro, para garantir que tudo fosse compreensível, despretensioso e de fácil leitura para todos. Acima de tudo, contei a história do Cristianismo, mas a história ganha vida quando tudo ocorreu de forma tão dramática e atingem-nos a todos atualmente, quer queiramos quer não.

Assim, pode-se reviver como é que uma seita judaica no Império Romano se tornou na religião universal, transformou este império num reino cristão e até conseguiu transformar os vitoriosos germânicos em cristãos. Fica-se a saber o verdadeiro significado das Cruzadas, quais foram os resultados surpreendentes que as mais recentes pesquisas entretanto obtiveram acerca da Inquisição, da caça às bruxas e da missão junto dos povos indígenas e ao que devemos estar gratos no que toca ao Iluminismo – e ao que não devemos. No que concerne à aplicação dos Direitos Humanos, será que o Cristianismo está a ajudar ou a impedir – ou ambos? E a emancipação das mulheres, a revolução sexual e, acima de tudo, em que posição se encontra o Cristianismo em relação ao Holocausto?

Deste modo, produziu-se um livro para os cristãos que não têm medo de conhecer a verdade e para todos aqueles que querem perceber melhor de onde vêm.

Manfred Lütz

ÍNDICE

Prefácio	7
Introdução	
«Não acredito em si!»	15
Capítulo 1	
Ao diabo com a religião	19
1. Verdade e violência – o assassinio de uma bela teoria por meio de um facto horrível.....	19
2. Ao diabo com a aristocracia – como a sociedade universal foi inventada	22
3. Teoria e prática – porque é que o Islamismo é logicamente mais tolerante?	28
Capítulo 2	
Os primeiros mil anos	33
1. De onde vem o joio? Uma parábola muda a história da religião.....	34
2. Tensões – a não-violência cristã e a autoridade estatal	40
3. Cultivar os bárbaros – o Cristianismo e os povos germânicos.....	46
4. Carlos Magno – o algoz saxão como exemplo para Europa.....	53
5. Atmosfera tensa – a papisa Joana e o fim do mundo	58
Capítulo 3	
A Idade Média e as Cruzadas	63
1. Quando homens sem mulheres dão à luz e mulheres sem homens concebem – o surgimento do Ocidente.....	63

2. Uma raposa esperta e um pastor hesitante – a mecha arde.....	66
3. Perda de controlo: morte aos Judeus e massacres – seria esta a verdadeira vontade de Deus?	70
4. Balanço – o que é que a União Europeia tem que ver com as Cruzadas e por que razão os Turcos devem ser amados?	78

Capítulo 4

Erros	87
1. Sob pressão – um rei permite que as pessoas sejam queimadas	88
2. Uma reforma judicial desastrosa – verdades e mitos da Inquisição medieval.....	97
3. Verificação dos factos em <i>O nome da rosa</i> – o triunfo do coração e do entendimento.....	103
4. O papa Alexandre VI e a ZDF – como a Alemanha venceu a Espanha	109

Capítulo 5

A Idade Moderna	119
1. Teatro universal – Martinho Lutero e a indulgência cristã.....	119
2. O quão verdadeira é a verdade? – A lenda negra e a verdade acerca da Inquisição espanhola (1484-1834).....	122
3. Giordano Bruno e Galileu Galilei – a Inquisição romana (1542-1816) e as suas vítimas.....	127
4. Católicos e protestantes em competição – no bem e no mal	135

Capítulo 6

O maior erro judiciário de todos os tempos	141
1. Mitos extravagantes – versões teológicas, nacional-socialistas e feministas da caça às bruxas	142

2. As crenças de bruxaria durante a Idade Média – Regino de Prüm: «Alucinações»	145
3. Crenças de feitiçaria na Idade Moderna – a morte reina na Alemanha	148
4. O fim – Um inquisidor horrorizado, um jesuíta valente e o presidente do Tribunal Constitucional	152
Capítulo 7	
As lendas sobre as missões indígenas	157
1. Missão e violência – o problema dos sacrifícios humanos	157
2. Ideias eficazes – o direito natural, os direitos do homem e o direito público	160
3. A missão protestante e a missão católica – Uma ligeira diferença com enormes consequências.....	161
4. O absoluto silêncio – os esquecidos defensores dos indígenas	164
Capítulo 8	
O Iluminismo	169
1. A ascensão da Europa – os conflitos confessionais e o Iluminismo	169
2. Criados à imagem e semelhança de Deus – acerca da genealogia dos direitos humanos	174
3. O drama dos direitos humanos – a abolição da escravatura	176
4. As sombras do Iluminismo – as vítimas da revolução	185
Capítulo 9	
Depois do massacre	189
1. Prelúdio – também os papas são apenas pessoas	189
2. Os católicos não seguem a opinião do papa – a revolução católica	192
3. A infalibilidade papal – um dogma liberal?	194
4. Porque é que Karl Marx tinha razão – e os cristãos o seguiram	197

Capítulo 10

O século XX	201
1. A democracia – os cristãos percorrem novos caminhos.....	202
2. A ditadura – os cristãos e a resistência.....	205
3. A eutanásia – porque é que os nazis odiavam o pecado original?	209
4. Perante o Holocausto – os cristãos e os judeus: dois mil anos nem misturados nem separados.....	213
5. Depois da catástrofe – um novo despertar e a “segunda revolução papal”	235

Capítulo 11

Escândalos constantes	239
1. A emancipação das mulheres e o ministério sacerdotal feminino – como os cristãos lidam com 50% da Humanidade.....	239
2. A Igreja, o celibato e o sexo – sobre um grande mal-entendido.....	249
3. O Cristianismo e o abuso de menores – «É melhor causar uma gravidez do que se tornar pedófilo pelo celibato»	259

Capítulo 12

O século XXI	267
1. Exoneração – as resistências e o bisturi da razão.....	267
2. Fardos – sacrifícios para as vítimas	269
3. O fim – a fortaleza dos mais fracos.....	273